

Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Culturas e história dos povos indígenas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6682016091

CAPÍTULO 2..... 13

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

DOI 10.22533/at.ed.6682016092

CAPÍTULO 3..... 23

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

DOI 10.22533/at.ed.6682016093

CAPÍTULO 4 37

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6682016094

CAPÍTULO 5..... 51

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6682016095

CAPÍTULO 6..... 63

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

DOI 10.22533/at.ed.6682016096

CAPÍTULO 7	77
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6682016097	
CAPÍTULO 8	88
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
DOI 10.22533/at.ed.6682016098	
CAPÍTULO 9	97
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6682016099	
CAPÍTULO 10	107
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
DOI 10.22533/at.ed.66820160910	
CAPÍTULO 11	119
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66820160911	
CAPÍTULO 12	132
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66820160912	
CAPÍTULO 13	146
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.66820160913

CAPÍTULO 14..... 160

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta

Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

CAPÍTULO 15..... 175

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

CAPÍTULO 16..... 187

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

CAPÍTULO 17..... 202

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita

Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

CAPÍTULO 18..... 218

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

CAPÍTULO 19..... 229

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

CAPÍTULO 20..... 238

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos

Nancy Zarate Castillo

DOI 10.22533/at.ed.66820160920

CAPÍTULO 21.....248

A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII

Antonio Martins Ramos

DOI 10.22533/at.ed.66820160921

CAPÍTULO 22.....258

INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco

Divane de Vargas

DOI 10.22533/at.ed.66820160922

CAPÍTULO 23.....271

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK

Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro

DOI 10.22533/at.ed.66820160923

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283

ÍNDICE REMISSIVO.....284

CAPÍTULO 19

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 25/05/2020

Enoc Moisés Merino Santi

Universidad Federal de Rio de Janeiro,
Programa de Pós-Graduação em Antropología
Social / Museo Nacional
Rio de Janeiro
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5334299330275595>

RESUMEN: En este escrito se pretende reflexionar sobre el proceso de resignificación de ver y pensar el cuerpo de los sujetos indígenas como un objeto alienado/contaminado por la cultura externa, desconociendo de esa forma la reivindicación para que la sexualidad sea liberada de las cárceles conceptuales impuestas por la medicina y el psicoanálisis. En América la sociedad dominante externa impuso normas de relaciones binarias argumentándose y justificándose en concepciones de “religiosidad” y “civilización” que fueron traídas e impuestos por individuos externos al espacio en donde se dan estas construcciones sociales; donde la demostración de amor y cariño entre sujetos “warmipanguiguna” tienen otra forma de relacionarse afectivamente y con el grupo.

PALABRAS CLAVES: Warmipanguí, cuerpo, goce, deseo, dominación.

WARMIPANGUI: CORPO EM DISPUTA, CONTROLE E DOMINAÇÃO

RESUMO: Neste artigo, o objetivo é refletir sobre o processo de ressignificação de ver e pensar o corpo dos sujeitos indígenas como um objeto alienado/contaminado pela cultura externa, ignorando, assim, a exigência de liberação da sexualidade das cadeias conceituais impostas pela medicina e pela psicanálise. Na América, a sociedade dominante externa impôs normas de relações binárias argumentando e justificando-se nas concepções de “religiosidade” e “civilização” que foram trazidas e impostas por indivíduos externos ao espaço em que essas construções sociais ocorrem; onde a demonstração de amor e carinho entre os sujeitos “warmipanguiguna” tem outra maneira de se relacionar afetivamente e com o grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Warmipanguí, corpo, prazer, desejo e dominação.

WARMIPANGUI: BODY IN DISPUTE, CONTROL AND DOMINATION

ABSTRACT: The aim of this article is to reflect on the process of the significance again of looking at and thinking about the body of indigenous individuals, as an object alienated and contaminated by external culture, and thus ignoring the recognition for sexuality to be freed from conceptual prisons that have been imposed by medicine and psychoanalysis. In America, the external dominant society imposed norms of binary relationships, arguing and justifying itself with concepts of “religiosness” and “civilization”, which were brought and imposed by individuals

external to the space in which these social constructs occur, where the “warmipanguiguna” people relate affectively among themselves and within their group, through the demonstration of love and affection in a different way.

KEY WORDS: Warmipanguí, body, enjoyment, desire, domination.

Introducción

La homosexualidad es un tema controversial en todo el mundo, y dentro de los pueblos indígenas no es la excepción, desde mi punto de vista la discriminación de los sujetos que expresan libremente su deseo mediante el cuerpo dentro de los grupos sociales solo tiene una culpable, la religión occidental la cual ha sido el guardián de la moral y la familia desde su llegada a estas tierras, y durante la colonia tubo libre disposición para “educar” a los “salvajes” dentro de las normas de conducta “civilizada” y la construcción del concepto de familia monogámica heteronormativa, con el propósito de conseguir la salvación de las almas, manteniendo de esta forma el control sobre los territorios y cuerpos de los individuos del “nuevo mundo”, no debemos olvidar al Estado que desde su surgimiento continua alienando y convirtiendo a los sujetos sociales en máquinas sin capacidad de pensar por sí mismos, como Argumenta Pierre Bourdieu, el Estado es el dios contemporáneo¹.

La religión católica-cristiana está insertada en los preceptos de la relación social hasta hoy, pero ha ido perdiendo poder y abriendo espacios para diálogos con grupos que no se circunscriben en su visión de “sujetos normales religiosos”. Grupos² que luchan ejerciendo una fuerte presión en busca del reconocimiento de iguales derechos dentro de la sociedad, con mayor énfasis a partir de la década de los setenta del siglo XX. Pero en contraposición otros grupos religiosos ortodoxos están surgiendo y llenando el vacío que dejó la evangelización católica, entre los más fuertes en su proceso de ganar adeptos tenemos a la religión evangélica que es intolerable con los comportamientos que trasgreden a su religión y dios, la cual está ingresando a las comunidades indígenas para convertirlos en sus fieles. Causando un quebrantamiento estructural en las costumbres y tradiciones indígenas al imponer nuevas formas de relaciones y de convivencia social dentro las comunidades indígenas, en este sentido hago hincapié en las relaciones que tienen que ver con el dominio del sujeto acerca de su cuerpo, placer, goce y deseo, y en consecuencia “ars erótico”, que son restringidas y controladas a través del concepto de la confesión con el cual se purga la transgresión de las normas de conducta con cuyo efecto el sujeto se hace merecedor al “castigo divino”.

Aquí cabe traer a colación el planteamiento de Michel Foucault, en el cual expresa que “NUESTRA CIVILIZACIÓN (la occidental), a primera vista al menos, no posee ninguna *ars erótica*. Como desquite, es sin duda la única en practicar una *scientia sexualis*. O mejor, es la única que ha desarrollado durante siglos, para decir la verdad del sexo, procedimientos

¹ Argumento que se encuentra en el libro “Sobre el Estado”.

² Me refiero sujetos “homosexuales”, “lesbianas” y feministas.

que en lo esencial corresponden a una forma de saber rigurosamente opuesta al arte de las iniciaciones y al secreto magistral: se trata de la confesión” (FOUCAULT 2011, p.56).

Con la dominación a través de esta instrumentación de los pueblos nativos, territorios, lengua, cuerpo y amor se institucionalizó la cosmovisión de los dominadores, que construyeron diferentes estrategias de dominación para cada caso, para los pueblos se instituyó los cabildos, para los territorios la comunidad, para la lengua una lengua franca y “civilizada” del dominador, para el cuerpo el matrimonio monogámico y el poder del hombre sobre la mujer y sus descendientes, para el amor la procreación.

En este proceso de control social y político se pretendió eliminar el amor entre los sujetos de mismo sexo, lo cual invisibilizó esta relación amorosa, pero se puede decir que este control se diluye en algunas comunidades indígenas de la amazonia ecuatoriana, el pueblo Kichwa Canelos ha reconceptualizado las estrategias para continuar disfrutando de la libre elección del cuerpo en lo que se refiere al sexo, goce y placer.

ESTUDIO DE CASO WARMIPANGUI³

Como he expresado anteriormente la “Homosexualidad” (warmipangui) es tema “tabú” visto desde la estructura social externa – no indígenas e indígenas que mantienen una relación con la cultura heteronormativa dominante – durante mi trabajo de campo en una Comunidad Kichwa⁴, pude observar que la religión y el Estado no han conseguido controlar por completo la forma de relaciones eróticas dentro del grupo, ya que en una “aswata upina” (reunión para beber chicha), escuché a los amigos de “Awa llakta⁵” haciendo bromas porque habían surgido rumores de que él mantenía relaciones afectivas y/o homoeróticas con un profesor Kichwa de otra comunidad. La broma consistía en llamarlo por el apellido de este señor. Me asombró que Awa llakta no se inmutaba ante esta situación y no les prestaba atención, su mujer al escuchar que se escapaban algunas palabras del grupo de hombres que hacían la broma exclamó “chasna imawas angami” (quien sabe que sea verdad).

El escuchar y vivir esta realidad donde los amigos, la mujer y el protagonista tomaban estas bromas sin ningún tipo de recelo o incomodidad, despertó mi interés por conocer cómo se han construido las relaciones afectivas dentro de una categoría de permeabilidad

³ En la concepción indígena por lo menos en esta comunidad “Warmipangui” no tiene un significado solo sexual entre determinados sujetos sociales del grupo, sino va más allá de lo erótico y sexual, es un sujeto que cumple un rol importante en la preservación de la cultura tradicional y preservación y cuidado del espacio territorial ya que en la actualidad son personas instruidas en la educación occidental y sirven de intermediarios entre la comunidad y las instituciones estatales, y otros son Yachak (Shamanes) que velan por el bienestar y salud de los integrantes de la comunidad.

⁴ La Comunidad Originario Kichwa que hago referencia en este artículo está ubicada en la parte sureste del Cantón Puyo, en la ribera del río Bobonaza, tiene una población aproximada de 1.500 individuos. La comunidad ya ha adoptado el sistema administrativo del territorio establecido por el Estado, dividiéndose en barrios y centros. Esta comunidad se encuentra a una altura de 450 m.s.n.m., con un clima Cálido-Húmedo de una temperatura promedio de 24°C, con poca variación durante el día.

⁵ Para mantener la integridad del personaje utilizó el apodo por el cual es conocido Awa llakta que quiere decir hombre blanco.

en el grupo – esto incluso me indujo a pensar que ha existido “aceptación” en las relaciones que se dan entre el mismo sexo dentro de los pueblos indígenas-.

En la poca bibliografía que se tiene sobre el tema de la homosexualidad indígena, se encuentra a Patricia Carvalho Rosa, quién ha efectuado un estudio dentro de las comunidades indígenas Tikuna de Brasil en el presente, en él muestra el rechazo a los sujetos homosexuales que no se someten al cumplimiento de las normas heteropatriarcales; así como a Estevão Rafael Fernandes, quién cita:

“O cientista social e professor bilingue (português e ticuna) de história Raimundo Leopardo Ferreira afirma que, entre os ticunas, não havia registros anteriores da existência de homossexuais, como se vê hoje. Ele teme que, devido ao preconceito, aumentem os problemas sociais entre os jovens, como o uso de álcool e cocaína. “Isso [a homossexualidade] é uma coisa que meus avós falavam que não existia”, afirmou” (FERNADES, 2014, p. 258-259).

Mientras que en contraposición en el mismo artículo Fernandes resalta que para los pueblos indígenas norte-americanos la homosexualidad es considerada como un elemento de reivindicación cultural; Gabriel Soares, otro autor citado por Fernandes, “registró que el término tibirá era aplicado a líderes espirituales que siendo hombres “servían de mujer” en los actos sexuales”; Chamorro enriquece la controversia con la siguiente cita de los Guaraní “Cada hembra guerrera poseía una mujer para servirla, “con quien dice que está casada, y así se comunican y conversan como marido y mujer” (FERNADES, 2015, p. 264).

Estas contraposiciones alimentan la interrogante que fundamenta el interés por discutir este tema controversial dentro de los grupos indígenas, y de ellas surge la siguiente pregunta ¿La discriminación de los sujetos homosexuales ha existido siempre dentro de los grupos indígenas?, o es efecto de la transfiguración cultural por efecto de la injerencia de la moral y costumbres religiosas impuesta desde afuera, en las que las expresiones de carácter sexual han sido categorizadas en conceptos como el de “género” que impuesto desde la academia no considera posiciones diferentes con respecto al goce.

Morel Geneviève establece “el género se distingue del sexo biológico y puede oponerse a él; introduce una bipolaridad masculino / femenino que nos es familiar en la lengua” (MOREL, 2012, p. 66) y puede generar el clivaje consecuente respecto al entendimiento del desenvolvimiento social no existente dentro de las relaciones afectivas de los pueblos indígenas, creando en consecuencia una indecidibilidad entre lo verdadero y lo falso, convirtiéndose mediante esta categorización y clasificación en una violencia epistemológica como lo describe McCallum Cecilia:

“pelo uso de categorias universalizantes (como gênero) para falar de práticas e formas de pensamento indígenas, o mesmo não pode ser dito sobre as preocupações indígenas para com suas próprias categorias, pragmática ou discursivamente elaboradas no sentido oposto” (McCALLUM, 2013, p. 53).

Las sociedades dominadas por religiones monoteístas “donde imponen, a los que las practican, obligaciones de verdad” (FOUCAULT, 2013, p. 882), bajo “el discurso europeo produjo descripciones pautadas en una perspectiva moral da diversidad cultural (la práctica, condenada por la Iglesia, era vista como clara prueba de la inferioridad de los nativos)” (FERNANDES, 2015, p. 277. Traducción libre del autor), desconociendo y condenando la práctica de relaciones sociales diferentes a la suya, argumentadas en una teología que reprime el comportamiento natural propio a los seres, en el que las prácticas sexuales de libre elección son consideradas como “pecado nefando”, cuyo nombre no puede ser mencionado y menos practicado, esta libertad sexual “fue considerada como mucho más grave que los repugnantes crímenes antisociales, el femicidio, la violencia sexual contra los niños, el canibalismo y el genocidio” (MOTT, 1997, p. 124).

En este punto se puede establecer un parangón con lo que Foucault anota “que en la antigüedad Griega y Romana donde la sexualidad era libre, se expresaba sin dificultades y se desarrollaba efectivamente; existía en todo caso, hasta que intervino el cristianismo imponiendo prohibiciones morales sobre la sexualidad, negando el placer y de la misma forma el sexo (FOUCAULT, 2013, p. 804).

Tanto en el párrafo anterior como en lo expresado por McCallum se puede percibir que, hasta la inserción de los cánones morales impuestos por el cristianismo, las relaciones sexuales no se alimentaban a través de experiencias motivadas por el morbo, como se puede apreciar en la siguiente cita:

“Uma vez um líder voltou da cidade com uma revista de histórias em quadrinhos pornográfica que foi examinada com muitas risadas por todos. As crianças acabaram rasgando as páginas repletas de imagens e durante algumas semanas, inúmeros fragmentos, com fotos explícitos dos *Nawa* praticando estranhos atos sexuais, flutuaram livremente na aldeia, já sem maior interesse para os moradores” (McCALLUM, 2013, p. 54).

Esta cita nos lleva a pensar que la sexualidad dentro de los grupos indígenas no es un tema tabú, no es algo que se debe reprimir para cumplir ciertas normas de conducta o que atenta contra la moral ética del grupo. Esto lo pude corroborar con una indígena Ara Rete⁶ de Mato Grosso do Sul, cuando expresó que ella podía mantener diálogos sobre el sexo y el placer inherente de forma libre sin prejuicio alguno dentro de su comunidad, impactándose por el efecto de tener que inhibirse de expresarse de la misma manera dentro del ambiente social de la ciudad.

Esta falta de tolerancia y comprensión de las relaciones sociales en las que la sexualidad es intrínseca en la construcción de la identidad del individuo, quién en su búsqueda de la aceptación social dentro de la comunidad imaginada a la cual pertenece, fue impuesta por la estigmatización de libre expresión de la sexualidad por parte de la religión, proyectando así al indígena como enemigo de la “moral” y su dios, justificando

⁶ Estudiante de doctorado del PPGAS – MN, por razones que no afecten su integridad me abstengo de mencionar su nombre.

de esta forma la evangelización mediante la represión de todos los nativos del “nuevo continente” mediante castigos, tortura y muerte en nombre de la “salvación espiritual”, llegando a extremos oprobiosos ejercidos por la iglesia y los conquistadores como lo sucedido en 1513, en el istmo de Panamá, conforme narra Pietro Martire “encontrando un numeroso séquito de nativos homosexuales, atrapó a cuarenta de ellos que fueron devorados por perros feroces” (MOTT, 1997, p. 132), y puede visibilizarse en el accionar del “imperialismo americano contra los pueblos nativos a lo largo de los últimos dos siglos que puede ser comprendido como una forma de volverlos “hetero” [straight, en el original, cuyo significado es tanto de “heterosexual” como de “en orden”, “correcto”, “recto”] – al inserir a los pueblos indígenas en nociones anglo-americanas de familia, hogar, deseo e identidad personal. (Rifkin, 2011:9, tradução livre)” citado por (FERNANDES, 2015, p. 272. Traducción propia del autor).

Este proceso de “limpieza de lo impuro y pecaminoso desde la visión eurocentrista ha tenido consecuencias irreversibles, creando una forclusión que designa un rechazo más radical que la represión ya que es irreversible” (MOREL, 2012, p.79), al imprimir en la mente de los nativos del “nuevo continente” que estas formas de expresión natural, son diabólicas y anti-natura, y en consecuencia ha llevado a la intolerancia de las personas que expresan estas formas de interrelación social.

A pesar que la cultura europea-cristiana ha tratado de borrar las relaciones afectivas entre el mismo sexo, en los pueblos indígenas aún el goce en las relaciones sexuales no les empuja en absoluto al cumplimiento de las normas en las relaciones afectivas exclusivas con el otro sexo, por lo que dichas relaciones no se basan exclusivamente con fines reproductivos y como McCallum comenta las “personas nacidas e criadas en los ambientes sociales denominados indígenas aprenden formas de pensar y estar abiertas a la innovación y a la creatividad” (McCALLUM, 2013, p. 55, Traducción propia del autor), resignificando los comportamientos y las formas de mantener los tipos de relación castigados por la moral.

Con base en lo anteriormente descrito surge la preocupación por visibilizar las relaciones sexuales-afectivas propias de los indígenas en las que el sexo no se debe entender en términos morales, sino en el concepto del goce, el rol que cumple dentro del grupo y relaciones de micropoder.

A MODO DE CONCLUSIÓN

Dentro de la temática general de las relaciones sexuales y la diversidad de género, entre ellas la “homosexualidad”, en el entorno indígena, no le ha sido otorgada la trascendencia necesaria para interpretar el espacio que ocupa dentro del ámbito social y lo que ello impregna en el comportamiento del grupo social.

Dado que este tema controversial hasta el momento define un modo de ser del

individuo articulado por significantes dentro de los saberes inherentes de la cultura indígena, considero adecuado visibilizar la importancia del natural comportamiento en las relaciones sexuales con el fin de rescatar esta base primordial de esa cultura, afincándose en el siguiente concepto que McCallum expresa:

“As pessoas indígenas não se encontram reduzidas por supostas “culturas tradicionais” a formas rígidas de ação e pensamento. Tampouco estão em vias de simples perda de cultura ou de extinção étnica, por serem expostas às formas e práticas hegemônicas, como a heterossexualidade normativa na marca euro-americana, por mais dramáticas que sejam as situações de vulnerabilidade em que se encontrem (McCALLUM, 2013, p. 55).

McCallum abre una ventana para detenernos a pensar que la sexualidad indígena homoafectiva/erótica no es un comportamiento adquirido o causado por el contacto con las normas hegemónicas, como algunos líderes lo establecen para justificar la negación y ocultamiento de la existencia libre y natural de las relaciones de afecto entre personas del mismo sexo, lo que en consecuencia habilita su discriminación; pero debemos recapacitar en que los indígenas que se justifican con el discurso de “perdida cultural”, han sido violentados por el eficiente trabajo de alienación cognitiva que la iglesia y el Estado efectuó⁷.

REFERENCIAS

ALMEIDA, A. W. (2011). **Os quilombos e as novas etnias**. Manaus: UEA Edições.

ALMEIDA, A. W., & Fariás De Almeida, E. J. (2013). **Povos e Comunidades Tradicionais: nova cartografia social**. UEA Edições.

ANDRADE, C. (2001). **Kwatupama Sapara, palabra Zápara**. Quito: Abya Yala.

AYALA, E. (2008). **Resumen de Historia del Ecuador**. Quito: Cooperación Editorial Nacional.

BELLIER, I. (1993). **Los pueblos indios en sus mitos**. Quito: Abya Yala.

BIDSTRUP, S. (2001). **Homosexualidad en la Historia** (2da parte). Fonte: s.f.

BOURDIEU, P. (2014). Sobre el Estado: Curso en el Collège de France (1989-1999): **Un asunto impensable; El Estado como lugar neutro; La tradición marxista; Las categorías estatales; Las acciones del Estado**. Traducido por Pilar Gonzáles Rodríguez. Barcelona: Anagrama.

BOZON, M. (2004). **Sociologia da sexualidade**. Brasil: FGV.

CHAVEZ, J. A. (2013). **La homosexualidad en la américa precolombina**. Fonte: <https://es.slideshare.net/diariodelimagay/la-homosexualidad-en-la-amrica-precolombina>.

⁷ Como afirma Judith Butler en su libro “El género en disputa: Feminismo y la subversión de la identidad” (título original: Gender Trouble) que el género, sexo y sexualidad son construcciones sociales.

El Dragon de Hipatía. (17 de 03 de 1012). **Dos espíritus la variedad de género en las culturas indígenas americanas**. Fonte: s.f.

ESTAPE, L. (2010). **Imágenes de la América Precolombiana**. Fonte: <http://minimosymaximos.blogspot.com/2012/04/la-homosexualidad-en-la-america.html>.

ESTEVEZ, F. (2012). **La Homosexualidad en la América Prehispánica o Precolombina**. Fonte: s.f.

FERNANDES, E. R. (2014). **Homosexualidades indígenas y descolonialidad: algunas reflexiones a partir de las críticas two-spirit**. Tabula Rasa, 23.

FERNANDES, E. R. (2015). **Decolonizando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos**. Brasília: Tese de Doutorado Instituto de Ciências Sociais Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre as Américas Universidade de Brasília.

FOUCAULT, M. (2011). **Historia de la Sexualidad Vol.1 La voluntad de saber**. México: Siglo xxi.

FOUCAULT, M. (2013). **Obras Esenciales: I. Entre filosofía y literatura. II. Estrategias de poder. III. Estética y hermenéutica**. Barcelona: Libros, S.L.U.

FRY, P., & Edward, M. (1983). **O que é homossexualidade**. Sao Paulo: Brasiliense.

Gabriel, s. (2 de Mayo de 2011). SENTIDOG. **Homosexualidad en pueblos indígenas**. Fonte: <http://www.sentidog.com/lat/2011/05/homosexualidad-en-pueblos-indigenas.html>.

GALEANO, E. (2006). **Nosotros decimos no: Crónicas (1963/1988)**. Fonte: <https://books.google.com.ec/books?id=Zkc7cuhreeYC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>.

GREENBERG, D. (1990). **The construction of homosexuality**. Traducido por H. Pons. Chicago: University of Chicago.

HALL, S., & Du Gay, P. (2003). **Cuestiones de identidad cultural**. Traducido por H. Pons. Buenos Aires: Amorrortu.

JARAMILLO, A. (1983). **El Indio Ecuatoriano**. Quito: Corporación Editorial Nacional.

MALINOWSKI, B. (1973). **Sexo e repressão na sociedade Selvagem**. Petrópolis: Vozes.

McCALLUM, C. (2013). **Nota sobre as categorias “gênero” e “sexualidade” e os povos indígenas**. Cadernos pagu, 53-61.

MOREL, G. (2012). **Ambigüedades sexuales: sexuación y psicosis**. . Buenos Aires: Estudio R.

MOTT, L. (1997). **Etno-Historia de la homosexualidad en América Latina**. Historia y sociedad, 123-144. Acesso em 18 de Abril de 2017, disponível em <<http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/hisysoc/article/view/20304>>

ONIROGENIA. (s.d.). **Chamanismo y Homosexualidad**. Fonte: <http://www.onirogenia.com/chamanismos/chamanismo-y-homosexualidad/>

OSCULATI, G. (2000). **Exploración de las Regiones Ecuatoriales a lo largo del Napo y los ríos de la Amazonía**. Traducido por Vivtoria de Vela. Quito: Abya Yala.

PACHECO, J. (2009). **Ensaio em Antropologia Hstórica**. Fonte: http://www.jpoantropologia.com/Artigos_de_Revistas.html#espanhol

PACHECO, J. (2009). **Una etnología de los indios misturados? Identidades étnicas y territorialización en el Nordeste de Brasil**. 2009. Fonte: http://www.jpoantropologia.com/Artigos_de_Revistas.html#espanhol.

RISO, W. (s.f). **El poder del pensamiento flexible. De una mente rígida a una mente libre y abierta al cambio**.

ROMERO, L. (23 de Octubre de 2017). Salvador Ñuez. **Datos Curiosos Sobre la Homosexualidad en los Pueblos Indígenas de América**. Fonte: <https://salvadornunez.com/curiosidades/datos-curiosos-sobre-la-homosexualidad-en-los-pueblos-indigenas-de-america/>

SEGATO, R. L. (2013). **Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial**. Buenos Aires: Godot.

SENTIDOG. **Homosexualidad en pueblos indígenas**. (2011). Fonte: <http://www.sentidog.com/lat/2011/05/homosexualidad-en-pueblos-indigenas.html>.

VEGA, J. (2006). **Freud en los comienzos**. Mexico: Plaza y Valdez.

VELASCO, A. (2014). **Indígenas y homosexuales, dos veces discriminados** . Fonte: <http://lasillarota.com/indigenas-y-homosexuales-doblemente-discriminados-en-mexico#.WMxplFUrLIU>.

WON. (2017). Fonte: **La hosexualidad en la época precolombina**: <https://maravillosisimo.wordpress.com/2007/09/03/la-homosexualidad-en-la-epoca-precolombina/>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

I

Indígenas Karipuna 258

L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

O

Oralidades 119

P

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

R

Resistências 90, 132, 144, 271



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020